



Maestro Reinaldo Garrido Russo
Terezinha Oppido

INTRODUÇÃO

A partir desta edição, abordaremos um tema que não poderia deixar de ter muitas variações, mas na realidade nua e crua, quando se fala em arranjo, fala-se em criação, aquela capacidade que temos e a usamos para sermos originais, ou seja, fazer o que ninguém fez até então. Infelizmente, pelo senso comum, as pessoas que aprendem música não têm essa orientação como meta principal para fazer arte. Compreendo o paradigma atual que dá prioridade a revelação de pensamentos, palavras e obras já batidas e debatidas de outrora, porém devemos ser criativos, sempre, e para ser criativo sem incorrer em erro é preciso ter conhecimento do passado. Sabendo e apreciando o que já foi feito, é uma medida sem igual para livrarmos-nos do banalismo e da repetição. Os americanos inventaram procedimentos infalíveis para os arranjadores e compositores. Para ser mais exato, não criaram apenas para estes, mas para qualquer um que se arvora em ser músico. Com essas regras precisas todos podem fazer música e aí temos o resultado esperado: música pronta, em baciada, por kilo, e envolta em papel de embrulho bem bonito, mas longe de ser obra criada. Eu, cobra criada, sem querer e já que-

rendo fazer trocadilho, sugiro que prestem atenção nas músicas dos filmes americanos. É quase tudo a mesma coisa e o quase fica por conta de um movimento, não tão evidente, de profundidade que nasce no seio da arte americana. E são eles que são fanáticos por seios... Não quero desmerecer os americanos por serem tão brilhantemente pedagógicos, até concordo com o caminho, mas discordo pelo resultado. Aí, temos o exemplo em que os fins não justificam os meios. A produção musical graças a eles ficou perfeita. Só isso; perfeita. Para nos vermos livres desse perigo real e imediato, a análise de boas obras é fundamental e tentaremos fazê-la, esporadicamente, ao longo desta nova série e que tem como título, simplesmente: Arranjo. Sou crítico apenas do que acho ruim e nocivo porque tudo tem a sua medida. A falta e o excesso devem ser evitados e eles, os americanos, tem outros méritos na filosofia, nas ciências, na geração do conhecimento, na música e até na vanguarda, hoje, dos movimentos esotéricos. Com tudo isso, o que não é um desabafo, quero salientar a necessidade de sermos verdadeiros compositores quando empenhamos a função de arranjador.

A diferença principal entre arranjo e composição é que o foco é o do fundo para o arranjo e o da figura para a composição. O fundo deve, quando é essa a intenção, e quase sempre é, ressaltar a figura seguindo as regras do bom senso e não a

O Arranjo

do senso comum. Temos algumas leis, desde o começo do século XX, orientando estudantes de arte em geral que são as leis da Gestalt e que cujo conceito será abordado em breve nesta série. Antes de adentrarmos nas técnicas da disciplina Arranjo, devemos começar com o exercício fundamental de observação quando ouvimos um arranjo bom ou ruim, não importa. Afinal, depois de lida e apreendida o material básico desta série, o senso de julgamento do leitor irá melhorar sensivelmente. Existe uma técnica de observação que aprenderemos no primeiro tópico e chama-se planimetria. Técnica que aprendi com H. J. Köellreutter para a composição moderna e que servirá para anotarmos todas as observações dos arranjos ouvidos ou para a elaboração dos nossos próprios arranjos.

Aguardem a próxima edição e não se esqueçam de que os novatos podem fazer um curso básico, a preço baixo, com exercícios e correção, aulas na forma de conferência pelo Skype ou MSN, através da Internet. Informe-se enviando-me um e-mail para: duemaestri@uol.com.br.

Até muito breve. □

Maestro Reinaldo Garrido Russo é arranjador, violonista, professor de arranjo e teoria. É também diretor da 2MAESTRI (due maestri) consultoria em ensino de música e produção musical, curso de arranjo e cursos culturais. Autor do livro "O Básico da Teoria Musical". Contatos: (11) 5562-8593 ou pelo site: www.duemaestri.mus.br ou e-mail: duemaestri@uol.com.br